

SONS DE LIBERDADE: COMO A MÚSICA DESAFIA REGIMES AUTORITÁRIOS E TOTALITÁRIOS

Ludmila Rafael Antonio Gaiato, Luiz Felipe Godoy das Neves, e-mail:
lu.felipe2018@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Estamos em uma era em que as modalidades autoritárias de governança se expressam de maneira altamente pronunciada na comunidade global. Liberdades são restringidas, o poder é exercido de maneira arbitrária e as pessoas são deixadas à margem das determinações em nações onde o autoritarismo ganha destaque. Dessa forma, torna-se extremamente viável haver um porta-voz que esteja em oposição a esses tais movimentos ditatoriais (SOUZA, 2020).

Por totalitarismo, refere-se a um sistema político em que a esfera pública predomina sobre a privada, já que o Estado busca controlar todas as esferas, mantendo a experiência humana de maneira mecânica, desprovida de profundidade. Ao analisar os regimes de Mussolini, Hitler e Stalin, poder-se-á compreender as motivações e, acima de tudo, os efeitos do totalitarismo nas sociedades do século XX. Tópicos como opressão, restrição, banalização da violência, limitação de liberdades pessoais, anulação de direitos civis, colapso institucional e exploração do poder desempenharão papéis fundamentais para a compreensão das concepções dos Estados Totalitários. (SOUZA, 2020).

Ainda em sintonia com Souza (2020), as experiências totalitárias tiveram resultados desastrosos. Tomando como exemplo os eventos que marcaram o século XX, é possível afirmar que o Fascismo, originário da Itália, desestabilizou os fundamentos políticos, institucionais e sociais da nação. O Nazismo, além de adotar os princípios fascistas, introduziu elementos ainda mais brutais, levando a um conflito global e tentando exterminar a população judaica. O Socialismo, nesse contexto, apesar de suas intenções idealistas de equidade e de justiça social, também resultou em regimes autoritários, agitando a Europa Oriental devido à influência da URSS, a qual surgiu após a Revolução Russa, em 1917 (SERVICE, 2007). O entendimento dos acontecimentos no Nazifascismo e no Socialismo

Real, mesmo sendo sistemas do século passado, auxilia na compreensão das possíveis ramificações de um sistema político guiado por princípios totalitários.

No processo de fundamentação, os totalitários, além de explorarem a autoridade através de um imenso senso de arbitrariedade e inclinação à guerra, empregam uma variedade de táticas com o intuito de preservar o controle político de maneira totalitária (ARENDR, 1999). Nesse sentido, tanto o nacionalismo exacerbado quanto a criação de desavenças entre grupos sociais são táticas que, apesar de terem abordagens diferentes, compartilham um objetivo semelhante: a centralização do poder mantido por uma ideologia totalitária, que é preservada por meio de propagandas, conflitos, guerras, expansões e violência (ARENDR, 1989).

Outrossim, temos os regimes autoritários, os quais consistem em uma autoridade social e repressiva, porém, neles, é perceptível uma certa abertura na democracia através do discurso, mas na prática, é, na verdade, uma fachada para tentar esconder o poder autoritário estabelecido pelos ditadores, ou seja, o autoritarismo está diretamente relacionado a deixar que haja espaço para outros partidos e outras ideologias, a fim de constantemente dispor de uma justificativa de seus atos. Além disso, a ausência de um partido singular se torna evidente nos regimes totalitários. (BEZERRA, s.d.).

Nessa perspectiva, pode-se destacar como exemplo dos fatos mencionados a ditadura militar no Brasil (1964-1985), que permitia a presença de dois partidos, entre eles: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), um partido de situação, o qual apoiava os ditadores, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), um partido opositor à ditadura. Nessa óptica, a justificativa para imposição da ditadura dos militares consistia em organizar o país e, após um período, realizar a redemocratização do Brasil. Dito isso, torna-se evidente que o autoritarismo tenta mostrar para a população que o Estado centralizado, aquele que reprime opositores, tenta mascarar que os ditadores são tirânicos (PRESTES, 2021).

Diante dessa complexa teia de regimes totalitários e autoritários que marcaram e continuam marcando as páginas da história, emerge um elemento capaz de transcender as barreiras impostas por esses sistemas de controle: a música. Como uma forma universal

de expressão, essa arte possui o poder de apresentar uma resistência capaz de combater esses regimes autoritários e totalitários (MAIA, 2015).

Parte-se do pensamento de que a música representa a sociedade, marcando cada período vivenciado pela humanidade e sendo um instrumento atemporal, além de ser utilizada desde antes de Cristo, na antiga Mesopotâmia. Assim, Napolitano (2013) explica que:

A música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental. Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música.

Segundo Benedict Anderson (2015), o nacionalismo capta e expressa anseios dentro de um contexto social. Portanto, revendo a literatura, constataram-se obras que tratam da música como representação de poder, como o caso da canção “Lili Marleen”, que foi escrita pelo soldado alemão Hans Leip, durante a Primeira Guerra Mundial, para o reconfortar das lembranças de casa e marcou o mundo todo durante o período nazista. Ou a música “Grândola, Vila Morena”, composta por Zeca Afonso, que se tornou o símbolo da revolução democrática em Portugal no decorrer do Salazarismo.

De acordo com Carocha (2006), a música popular, no Brasil, teve um papel importante na formação de uma identidade nacional e nas manifestações culturais, principalmente por sua fácil penetração na camada média urbana. Contudo, o regime militar não pôde deixar de perceber este tipo de expressão cultural.

Outro foco da relação entre o regime militar eram os cantores e compositores, que tinham suas composições vetadas na íntegra ou parcialmente cortadas. Alguns deles desenvolveram métodos específicos tentando driblar a censura, como: figuras de linguagem, metáforas, invenção de palavras, anexação de barulhos como buzinas, batidas de carros, entre outros, ou a anulação total da melodia quando deveria aparecer a frase ou a palavra censurada, com o intuito de transmitir a mensagem para o público de uma forma sutil. (CAROCHA, 2015)

A situação da música brasileira entre os anos de 1970 e 1980 era complexa, pois diversos artistas estavam morando fora do país, exilados voluntariamente ou forçados. Os compositores se viram pressionados pela censura do regime autoritário (CAROCHA, 2015). Desta forma, destacam-se alguns artistas que utilizaram da música para expor o governo opressor da época:

1) Cálice – Chico Buarque e Gilberto Gil: Composta em 1973, “Cálice” retrata, por meio de metáforas, a falta de liberdade e a violência vivenciada pelo povo brasileiro durante a ditadura. Foi censurada pelo governo, sendo liberada somente em 1978.

2) É proibido proibir – Caetano Veloso: Apresentada no Festival Internacional da Canção, em 1968, Caetano transformava em canção uma frase que leu em um muro de Paris, como forma de protesto contra o conservadorismo. Foi censurada e acusada de ser uma ameaça ao tradicionalismo.

3) Eu quero colocar o meu bloco na rua – Sérgio Sampaio: Composta em 1972, “Eu quero colocar o meu bloco na rua” se queixa da censura sofrida por parte da ditadura, já que, na época, o exército levava tropas para as ruas como meio de demonstrar força e controle para os cidadãos. Foi censurada pelo suposto sentido de estimular a população contra as forças armadas.

4) Mosca na sopa – Raul Seixas: Lançada em 1973, Raul associou os artistas a uma mosca, retratando que eles incomodam a ditadura assim como a mosca nos incomoda. Não foi censurada, mas passou pelo julgamento dos censores como sendo de mal gosto.

5) O bêbado e o equilibrista – Elis Regina: Escrita em 1977, a música foi considerada como o Hino da Anistia, pois concedeu o retorno da democracia no país. É recheada de metáforas, utilizadas para denunciar a situação da nação. O bêbado e o equilibrista também foram censurados pelo regime militar.

6) Para não dizer que não falei das flores – Geraldo Vandré: Composta em 1968, é considerada um símbolo de resistência do movimento civil e estudantil que faziam oposição à ditadura. Foi censurada e Vandré teve que se exilar.

2 MÉTODO

O trabalho científico tem como base tecnológica a pesquisa com realce para revisões bibliográficas, a partir da seleção de artigos e websites que destacam a essência do tema. Os estudos foram realizados a partir da busca das seguintes palavras chaves: música, totalitarismo, ditadura e resistência. Foram selecionados dez artigos e dois websites adequados com o tema, a fim de ter a obtenção do conhecimento de acordo com os objetivos anteriormente citados. Além disso, atentou-se à história da música e ao fato de ela ser uma ferramenta que vem sendo utilizada para liderar problemas sociais até hoje.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o blog da Sociedade Artística Brasileira (SABRA, 2018), a música é fundamental para a formação de identidade dos grupos minoritários e marginalizados, pois ela tem poder necessário para se expressar diante daqueles que são silenciados pela opressão gerada por poderes totalitários e autoritários. Tem-se como exemplo “Asimbonanga”, de Johnny Clegg, que visava articular um protesto contra a prisão de Nelson Mandela, líder político da história da África do Sul, o qual lutava contra o regime racista e segregacionista do apartheid. Essa música significou um símbolo a favor da luta racial que os africanos vivenciaram, demonstrando que ela se tornou uma ferramenta para combater o regime autoritário imposto pelo apartheid (VEJA, R. 2019).

Assim, a música continua a desenvolver um papel importante na sociedade, uma vez que ela expõe problemas sociais e questiona as ações dos governantes e das autoridades. Para ilustrar, tem-se a canção “I’m black and I’m proud”, de James Brown, que descreve a luta dos negros estadunidenses nos anos de 1960, os quais buscavam combater as leis segregacionistas da época, além de terem seus direitos básicos como educação, saúde e emprego, desproporcionalmente oferecidos. Baseando-se nisso, a cultura musical possibilita levantar diversas bandeiras de ativismo, ajudando a conhecer a história por trás dos movimentos sociais e a fortalecer a luta. (SABRA, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir do estudo investigativo sobre a relevância da música em regimes autoritários e ascensões totalitárias, foi possível concluir que sua atuação era indispensável, já que a torna um instrumento essencial para combater problemas sociais. Ademais, como ainda há existência de regimes autoritários, a música pode ser uma ferramenta, uma arma da revolução, para lutar contra o autoritarismo e contra opressões.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução: José Rubens Siqueira. Edição: Companhia das Letras, 1999. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

ARENDDT, H. **Origens do Totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

BEZERRA, J. **Totalitarismo e Autoritarismo**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/totalitarismo-e-autoritarismo/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CAROCHA, M. **A censura musical durante o regime militar (1964-1985)**, 2006. Acesso em: ago. de 2023.

MAIA, A. **A música popular brasileira e a ditadura militar: vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão**. 2015. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

NAPOLITANO, M. **História do Brasil Independente II**, 2013 Acesso em: 28 de ago. de 2023.

PARENTE, L. **A música como representação social em regimes totalitários: Varguismo e o Canto Orfeônico em foco**, 2015. Acesso em: 28 de ago. de 2023.

PRESTES, A. **Brasil: A transição da ditadura militar para uma democracia tutelada pelos militares. Causas, consequências e ensinamentos**. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/12089/7353>>. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

SABRA. **Cultura Musical: Qual a sua importância nos tempos atuais?** Disponível em: <<https://www.sabra.org.br/site/cultura-musical-qual-a-sua-importancia-nos-tempos-atuais/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2023.

SERVICE, R. **Camaradas: Uma História do Comunismo Global**. Tradução: Milton Chaves de Almeida. 5ª ed. – Rio de Janeiro, 2018. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

SOUZA, A. **Os Impactos Sociopolíticos causados pelos Regimes Totalitários no Século XX**. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30065>>. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

VEJA, R. **Johnny Clegg: uma voz contra o apartheid, 2019**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/johnny-clegg-uma-voz-contra-o-apartheid>>. Acesso em: 30 de ago. de 2023.